

A BUSCA HUMEANA PELA ESCRITA FILOSÓFICA ADEQUADA

THE HUMEAN SEARCH FOR APPROPRIATE PHILOSOPHICAL WRITING

Laiz Fidelis Ribeiro¹

<https://orcid.org/0000-0002-2179-8504>

Carlota Salgadinho²

<https://orcid.org/0000-0001-7968-9063>

Resumo: Na presente investigação, elucidamos a conciliação humeana entre uma dualidade de dois tipos ou classes filosóficas – a *filosofia fácil* e a *abstrusa* – e dois tipos de *público* – o *letrado* e o *do convívio social*. Nosso objetivo é mostrar que o filósofo se propôs a enfatizar que diante da dificuldade de elaborar uma escrita filosófica adequada, a melhor forma de tocar seu público é tomando essas duas classes de filosofia como uma só, a fim de que seja compreendida tanto pelo público letrado e como o do convívio social.

Palavras-chave: Escrita adequada; Filosofia fácil; Filosofia difícil.

Abstract: In this study, we examine Hume's reconciliation of a duality comprising two philosophical types or classes – easy philosophy and abstruse philosophy – and two types of audience—the educated and the general public. Our aim is to show that the philosopher sought to emphasize that, given the difficulty of producing adequate philosophical writing, the best way to reach his audience is to treat these two classes of philosophy as one, so that it may be understood by both the educated public and the general public.

Keywords: Adequate writing; Easy philosophy; Difficult philosophy.

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Email: laizfidelis07@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7202507947250444>

² Doutora em PUC-Rio. Professora do Departamento de Filosofia da PUC-Rio. Email: csalgadinho92@hotmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8354133525893193>.

Introdução

Será que, na argumentação filosófica, há uma escolha entre o falar mais coerente ou argumentação mais perfeita, quer dizer, há uma forma adequada (ou inadequada) no modo da escrita filosófica? Podemos encontrar uma possibilidade de resposta para esta pergunta a partir da filosofia de David Hume (1711-1776). Com efeito, o método experimental serve, a Hume, não apenas para fundamentar suas posições filosóficas em epistemologia, ética, metafísica, política, etc, mas, no geral, para construir uma argumentação permeada por um estilo claro e contundente, o que se estende a toda a sua trajetória filosófica.³ Para ele, o método mais adequado para alcançar conhecimento encontrava-se na experiência, pois ela é a chave mais adequada para construção de um conhecimento “seguro”⁴, já que, de maneira direta ou indireta, “(...) as ciências têm uma relação, maior ou menor; com a natureza humana, e, por mais que alguma dentre elas possa parecer se afastar dessa natureza, a ela sempre retornará por um caminho ou outro” (T 0.4-5).⁵

Diferentemente da recepção do *Tratado da Natureza Humana* (1739-40), obras como a *Investigação Sobre o Entendimento humano* (1748), *Investigação Sobre os Princípios da Moral* (1751), *Dissertação sobre as Paixões* (1757) e *Ensaios morais políticos e literários* (1741-1777), foram recebidas de maneira calorosa por filósofos e pela sociedade em geral (letrada e não letrada). Algumas obras, mais polêmicas como o ensaio “Do Suicídio”, “Da Imortalidade da Alma” e a obra *Diálogos sobre a religião natural* (1779), foram publicadas apenas após sua morte, o que nos leva a entender que Hume estaria sendo cauteloso em suas publicações com o objetivo de não ser acusado de ateísmo – suspeita que já pairava nas interpretações sobre sua filosofia desenvolvida durante a vida –, ou simplesmente para não desagradar seus leitores.

Nota-se que ao longo de sua vida, Hume almejou uma escrita filosófica prática, que pudesse ser compreendida não apenas por filósofos, mas por pessoas leigas ou não letradas (do convívio social cotidiano)⁶, principalmente ao que se refere a escrita ensaística, como bem

³ Para um esclarecimento sobre a extensão deste método no empirismo humeano, cf. Calvente, 2022, pp. 56-75.

⁴ Cf. Ribeiro, 2022.

⁵ Utilizaremos a forma canônica das obras humeana, adotada mais recentemente pela comunidade humeana no Brasil, desenvolvido por Amyas Merivale, com textos editados por Peter Millican, e reúne praticamente tudo o que foi escrito por Hume. No presente texto, referenciaremos as obras *Tratado da natureza humana*, *Investigação sobre o entendimento humano*, *Diálogos sobre a religião natural*, *Ensaios morais políticos e literários* e *Investigação sobre os princípios da moral*, da seguinte forma: (T Livro. Parte. Seção. Parágrafo nas referências, e *Tratado* no corpo do texto), (E seção. Parágrafo nas referências, e primeira *Investigação* no corpo do texto), (D parte. Parágrafo), (Letras iniciais dos ensaios na versão original, parágrafo) ou (Letras iniciais dos ensaios na versão original. Página) e (M seção. Parágrafo) – respectivamente e conforme se encontram em <https://davidhume.org/>.

⁶ De fato, no ensaio “Da Arte de escrever ensaio” (1742), o filósofo afirma que existem dois gêneros humanos que apesar de fazerem parte da vida animal, se ocupa das operações da mente e que podem ser divididos entre

explica Suzuki “Os *Ensaio*s, por sua vez, são descritos como uma forma de proporcionar experiência do mundo aos homens de letras, assim como levar entretenimento consistente e refinado ao público” (2008, p. 315). A escrita filosófica de Hume é um dos pontos chave para a presente investigação: escrevendo de maneira adequada ao seu público, que destaca em seu ensaio não ser exclusivamente direcionado aos indivíduos letrados, traz assuntos que perpassam o âmbito filosófico, sem descurar o cotidiano, em reflexões acerca do gosto, da felicidade, da beleza, do casamento, dos partidos políticos, entre outros temas cotidianos.

Julgamos pertinente compreender por que Hume foi cauteloso ao destacar a existência de dois gêneros humanos — os indivíduos letrados e os indivíduos do convívio social — em seu ensaio “Da Arte de Escrever Ensaio” (1742). Também é relevante notar que, em 1748, na *Investigação sobre o Entendimento Humano*, Hume dedica a primeira seção, intitulada ‘Das Diferentes Classes de Filosofia’, à distinção entre dois modos de investigação filosófica: as filosofias que designa como fácil e difícil, ambas possíveis para a prática da escrita filosófica. Diante desta dualidade destacada nas obras anteriores citadas, surgem-nos os questionamentos: qual o objetivo de Hume ao mostrar tal distinção filosófica aos seus leitores? Será que seu objetivo era ir além da distinção entre às formas das investigações filosóficas da modernidade ou teria algo a mais? Frente a estes apontamentos, nossa hipótese consiste em explicar que a pretensão humeana era mostrar a dificuldade de elaborar uma filosofia compreensível para todos, a partir da seção I da *Investigação sobre o Entendimento Humano* e os ensaios “Da simplicidade e do refinamento na arte de escrever”, “O cético” e “Da arte de escrever ensaio”.

1. A dificuldade de elaborar uma filosofia adequada

Com efeito, nos *Ensaio*s *morais, políticos e literários*, ao analisar duas maneiras filosóficas, que designa abstrusa e fácil, Hume parece-nos denotar consciência das dificuldades de elaborar uma filosofia livre de dificuldades exegéticas.⁷ Antes de publicar a primeira

indivíduos letrados (que em nossa argumentação acreditamos ser os filósofos), e indivíduos do convívio social (que seriam os não filósofos). Hume faz a distinção entre eles da seguinte maneira: “Os letrados são aqueles que escolheram para seu destino as mais elevadas e difíceis operações da mente, que requerem ócio e solidão, e nas quais não se pode atingir a perfeição sem longa preparação e severo labor”, (...) o mundo do convívio social alia uma inclinação para os mais amenos e suaves exercícios do entendimento, para reflexões óbvias sobre assuntos humanos e obrigações da vida comum para observações sobre os efeitos ou perfeições dos objetos particulares que os cercam” (SR 1-2).

⁷ De fato, Hume publica sua obra *Investigação*, na primeira seção intitulada “Das diferentes classes de filosofia”, com o objetivo de explicar que em sua escrita ensaística buscou utilizar duas maneiras (fácil e abstrusa) de compreender a filosofia moral ou ciência da natureza humana e não apenas de forma fácil, mas de forma a juntar as duas maneiras com o objetivo de ser mais claro e de fácil compreensão de seus leitores. Para uma leitura esclarecedora sobre este tópico, cf. Salles, 2019.

Investigação, em seus ensaios, Hume tenta trazer aspectos fundamentais dos seres humanos e formulações de como podemos compreender as questões de caráter prático. Além de ressaltar que, um sistema filosófico pouco ou nada poderia fazer para ajudar ou modificar qualquer “arranjo natural” da mente, mas os efeitos que a educação causa sobre a mente, mostra que é possível moldarmos a natureza humana quando unida a outros princípios. Possibilitaria que cultivemos as ciências, a filosofia e as belas letras, assim como produziria benefícios sobre a constituição original, e isto só é possível porque segundo Hume “a mente não é totalmente inflexível, mas admite muitas alterações em seu feito e estrutura originais” (SC 31)⁸.

Os ensaios humeanos declaram os benefícios que podemos obter a partir do cultivo das artes, da filosofia e das ciências, já que conseguem refinar os juízos e permitem que os sentimentos auxiliem na construção das distinções morais, quando unidas e reiteradas ao hábito levam ao aprimoramento da mente⁹, destacados nos ensaios; “Da delicadeza de gosto e da paixão”, “Do padrão do gosto”, “Do refinamento nas artes”, “Do surgimento e progresso das artes e das ciências”, dentre outros.¹⁰ Tema este controverso à época, já que para o século XVIII, período este conhecido como “esclarecedor”, requeria-se um desapego as paixões, na qual a razão, apenas esta faculdade, seria adequada para construir um conhecimento seguro, ético e moral. Distinto de seus contemporâneos, Hume acreditava que se a filosofia tratasse de questões cotidianas, valores assim como das relações entre experiências e sentimentos, juntamente com os raciocínios construir-se-ia uma filosofia capaz de ajudar os seres humanos a distinguir a virtude do vício¹¹, pois ela aprimoraria “(...) nossa sensibilidade para todas as paixões ternas e agradáveis, ao mesmo tempo em que torna a mente inapta para as emoções mais tumultuosas e rudes” (DT 5).

Hume entendia que a eficácia de um bom discurso não poderia ser confiada apenas ao rigor dos raciocínios e argumentos, em decorrência acreditava que a fonte desta eficácia se encontrava na junção entre os raciocínios e as paixões. A busca constante por um conhecimento

⁸ Sobre esta afirmação ler o ensaio “O cético”, de David Hume.

⁹ Bem como declara Annette Baier, “[a] filosofia moral de Hume visa a uma progressão dos sentimentos — o refinamento de nossas respostas emocionais por meio da educação, da arte e do discurso social” (Baier, 1991, p. 104, tradução nossa).

¹⁰ Hume ao longo de sua vida, publica várias edições dos ensaios, na edição utilizada na presente pesquisa, *A arte de escrever ensaios*, contam-se cerca de 30 ensaios, pelo que desatacamos apenas alguns em que o assunto abordado aparece de maneira central.

¹¹ Como explica Donald Livingston, “[p]ara Hume, o cultivo das artes e das ciências faz parte da educação moral da humanidade” (Livingston, 1984, p. 157, tradução nossa). Taylor (1991), em sua obra *A Progress of Sentiments: Reflections on Hume’s Treatise*, nos explica como a moralidade resulta de um progresso de refinamento progressivo dos sentimentos humanos na vida social.

simples sobre todas as coisas cabe também aos filósofos, porque não basta esforçarem-se para alcançar um refinamento para os raciocínios, porque todo este esforço provoca vários desconfortos a mente, como explica Hume ainda no *Tratado*:

Quando a mente não atinge seus objetivos confortavelmente e com facilidade, os mesmos princípios não exercem os mesmos efeitos que exercem no caso de uma concepção mais natural das ideias; e a imaginação tampouco tem uma sensação comparável aquela que surge de seus juízes e opiniões coerentes (...) isso porque tal compreensão requer um estudo e um esforço do pensamento; e esse esforço do pensamento perturba a operação de nossos sentimentos, de que a crença depende. O esforço excessivo da imaginação sempre impede o fluxo regular das paixões e sentimentos (T 1.3.10.9-10)

A filosofia que Hume considera adequada é a que é capaz de fornecer aos homens um conhecimento elegante e, ao mesmo tempo, simples, sem cair sobre em vulgaridade ou uma criatividade que o leve ao erro. Cujas explicações do filósofo é esboçada da seguinte maneira, no ensaio “Da simplicidade e do refinamento na arte de escrever” (1742), “[T]ais refinamentos excessivos tampouco são mais agradáveis no estilo epistolar ou no estilo filosófico do que no épico ou trágico ornamento demais é defeito em qualquer gênero de obra” (SR 4), além de tal exposição, ainda no mesmo ensaio, Hume explica haver um “meio-termo”, com as seguintes explicações “*esse meio termo não reside num ponto, mas admite considerável latitude*” além de que “a grande questão, no entanto, é onde se localiza esse meio-termo” (SR 6-7). Tal afirmação leva a presente investigação, compreender que o conceito no qual Hume nomeia como “meio-termo” nada mais é do que a junção entre as duas classes de filosofia “fácil e difícil”. Explicados apenas em 1748 na obra *Investigação sobre o entendimento Humano*.

Após sete anos da publicação desses ensaios, Hume buscou explicar, em sua *Investigação*, que sua escrita não se reduzia apenas a uma simplificação da forma de escrever, como em algumas passagens dos ensaios poderia dar a entender. Para Salles na verdade o objetivo de Hume era aprimorar os princípios morais utilizando um estilo mais fácil e de simples compreensão. Entretanto, nos parece que na seção “Das diferentes classes de filosofia” Hume, esteja explicando o que possivelmente seja esse meio-termo, para uma escrita perfeitamente compreensível e adequada, fornecida a partir das duas classes de filosofia. Investigaremos agora o que são essas duas classes de filosofia, e se, de fato, o escocês se referia a elas ao pontuar a dificuldade em elaborar uma escrita filosófica adequada (SALLES, 2019).

2. As duas classes de filosofia: fácil e difícil.

Na seção “Das diferentes classes de filosofia”, Hume inicia sua argumentação afirmando que a filosofia moral, ou ciência da natureza humana, é tratada de duas maneiras diferentes, cada uma delas de certa maneira tem sua forma de contribuir para o entretenimento, instrução e toda reforma da humanidade. A grande diferença entre as duas maneiras de compreendermos as classes de filosofia consiste na distinção entre os modos pelos quais os seres humanos são considerados, como explica o filósofo:

A primeira considera o homem principalmente como nascido para a ação e como influenciado em suas atitudes pelo gosto e pelo sentimento, perseguindo um objeto e evitando outro, de acordo com o valor que esses objetos parecem possuir e segundo a perspectiva em que se apresentam. Como a virtude, dentre todos os objetos, é o que se admite ser o mais valioso, os filósofos dessa primeira espécie a pintam com as cores mais agradáveis, tomando de empréstimo toda a ajuda da poesia e da eloquência, e tratando seu assunto de uma maneira simples e acessível, como é mais adequado para agradar a imaginação e cativar os afetos. Filósofos da segunda espécie vêem no homem antes um ser dotado de razão do que um ser ativo, e dirigem seus esforços mais à formação de seu entendimento do que ao cultivo de seus costumes. Tomam a natureza humana como um objeto de especulação e submetem-na a um exame metucioso a fim de discernir os princípios que regulam nosso entendimento, excitam nossos sentimentos e fazem-nos aprovar ou condenar algum objeto, ação ou conduta particulares (E 1.1-2).

A primeira maneira, nomeada como fácil e clara, determina os indivíduos como seres práticos, influenciados pelos sentimentos, quando praticam suas ações ou quando compreendem que um objeto é agradável ou desagradável. Para explicar como esses objetos podem ser considerados agradáveis e desagradáveis Hume afirma pela perspectiva da filosofia fácil que os seres humanos são completamente influenciados pelas paixões¹² a perseguirem um objeto e evitarem outro por causa do “(...) valor que esses objetos parecem possuir e de acordo com a luz sob a qual eles próprios se apresentam” (E 1.1).

Os filósofos desta primeira classe admitem que a virtude é um dos objetos mais valiosos, e por este motivo, acreditam que ela deve ser explicada de maneira comunicativa, atraente e para isto utilizam-se da poesia e da eloquência com o objetivo de “discorrer acerca do assunto de maneira fácil e clara”, ou seja, explicando não de modo abstrato ou ilusório, mas os explicando de acordo com as experiências do próprio cotidiano deles, Hume afirma que seria apenas desta forma que a imaginação de seus leitores poderiam ser influenciadas, além de cativadas ao ponto de incliná-los. Os filósofos utilizam um determinado tipo de linguagem para tratar sobre o que se mostrava mais notável e recorrente na vida cotidiana, linguagem esta que

¹² Cf, Gardner, 1981.

toca no âmbito das paixões humanas como prazer, felicidade, esperança, dentre outras. Segundo Hume, este tipo de linguagem conduziu os leitores a um caminho virtuoso, este caminho conduziria os indivíduos a imaginações de êxito, triunfo e felicidade, ensinando-os, assim, a ir em direção ao que mais lhes causava prazer e ao que parecia ser virtuoso e o que parecia ser desprazer e vicioso, como destaca Hume “excitam e regulam nossos sentimentos; e se eles podem dirigir nossos corações para o amor da probidade e da verdadeira honra, pensam que atingiram plenamente o fim de todos os seus esforços” (E 1. 1). Assim, os filósofos da maneira fácil acreditavam que ao induzirem os indivíduos a compreender a diferença entre o vício e a virtude, poderiam direcionar os sentimentos dos indivíduos a irem sempre em direção a virtude por meio da verdadeira justiça, honestidade e honra, desta forma acreditavam que haviam alcançado seu principal objetivo que é direcionar os indivíduos ao caminho da virtude (BALIEIRO, 2011, pp. 387-395).

A segunda maneira considera os homens como indivíduos racionais, e tomam a natureza humana como objeto de estudo teórico para encontrar o motivo que regula o entendimento, assim como tentam compreender como os sentimentos são capazes de levarem os indivíduos a julgarem quando uma ação ou caráter é virtuoso ou vicioso. Entretanto, apesar de seu esforço em encontrar os princípios responsáveis por regular o entendimento, esta classe não consegue determinar ou definir a origem da falsidade, da verdade, do vício, da virtude, da beleza ou da fealdade. Mas esta dificuldade não os deixa para trás, em busca de chegar à gênese de cada um desses princípios “passam de casos particulares para princípios gerais, e conduzem ainda mais suas investigações para princípios mais gerais, e não ficam satisfeitos até chegar aqueles princípios primitivos que, em toda ciência, devem limitar toda curiosidade humana” (E 1. 2). Hume também destaca uma característica notável desta classe filosófica, ela não está preocupada em ser compreendida por leitores comuns, seu objetivo principal é obter a aprovação dos eruditos e sábios e acreditam que esta aprovação é suficiente para compensar todos os seus esforços.

Com efeito, Hume ressalta que a discordância entre as duas maneiras de conceber a filosofia implica na diferença e no estilo da exposição de cada uma delas. Enquanto a filosofia fácil aproveita os artifícios da eloquência e da poesia para expor seus objetos com as cores mais vividas e atraente, a filosofia abstrusa se dedica ao exame rigoroso e completo de cada fenômeno, porém mesmo com esta dedicação por muitas vezes torna o conhecimento dos objetos sede dos mais profundos erros e superstições. Como afirma Hume:

(...) Objeta-se, a obscuridade da filosofia profunda e abstrata não é apenas penosa e fatigante, como também é uma fonte inevitável de incerteza e de erro. Na verdade, esta é a objeção mais justa e mais plausível contra uma parte considerável da metafísica, que não consistiu propriamente uma ciência, mas nasce tanto pelos esforços estéreos da vaidade humana que queria penetrar em recintos completamente inacessíveis ao entendimento humana, como pelos artifícios das superstições populares que, incapazes de se defenderem lealmente, constroem estas sarças emaranhadas para cobrir e proteger suas fraquezas (E 1.12).

No início de sua argumentação Hume explica que, para alguns é preferível utilizar a filosofia “fácil e clara”, do que a filosofia “exata e abstrusa”, porque a filosofia fácil e clara consegue “penetrar mais na vida cotidiana, molda o coração e os afetos, e ao atingir os princípios que impulsionam os homens, reforma-lhes a conduta e aproxima-os mais do modelo de perfeição que ela descreve” (E 1. 3). Esta “filosofia fácil” tende a preocupar-se com as ações, sentimentos e com as relações humanas, sua finalidade é informar aos indivíduos sobre as virtudes e vícios assim como explicar como as ações podem se tornar agradáveis e virtuosas. Já no caso da filosofia “abstrusa”, ela trata de princípios especulativos, abstratos e que estão no âmbito metafísico, no qual seu objetivo torna-se explicar a natureza humana e o mundo exterior.

Acreditamos que dentre estas duas fontes de conhecimento, nenhuma delas poderiam intervir ou influenciar a conduta, tampouco as ações. Entendemos que parte da compreensão humeana de que a razão sozinha não poderia conduzir nossas ações (T 1.3.3). Como explica Radcliffe, em sua obra *Hume, Passion, and Action* (2018), a principal função das paixões é justamente o seu papel em iniciar a ação, para a autora, os produtos da razão, não produzem impulso por si mesmo, portanto, não poderiam nos mover sem qualquer relação com as paixões. Assim, a razão se limita na verdade a comparar as relações de ideias e a descobrir as relações de fato, mas é sempre as paixões que são capazes de conduzir efetivamente o indivíduo a prática. Por este motivo, torna-se evidente porque na filosofia humeana uma cadeia de raciocínio não poderia ser a fonte de todo conhecimento, assim como a responsável por conduzirem as ações e costumes¹³.

¹³ Apesar de ser um dos temas mais pertinentes em Hume, a presente pesquisa busca ressaltar que o enfoque aqui mencionado se destina apenas a esclarecer ao leitor que na filosofia humeana a razão sozinha não poderia conduzir as ações. Para uma imersão sobre esta metodologia recomenda-se a leitura das obras: *Hume, Passion, and Action* (Bauman, 2018), *Hume on the Passions* (Buckle, 1981), *A Progress of Sentiments: Reflections on Hume's Treatise* (Taylor, 1991).

Hume dedica um parágrafo para explicar a diferença entre os erros cometidos pelas duas maneiras filosóficas e destaca que em uma delas é mais fácil reparar seu erro do que na outra:

Um filósofo profundo pode facilmente cometer um erro em seus raciocínios sutis, e um erro é necessariamente gerado de um outro, visto que ele desenvolve até suas consequências e não é dissuadido em adotar uma conclusão de aspecto incomum ou por ser contrária à opinião popular. Mas um filósofo que apenas se propõe representar o sentimento comum da humanidade nas cores mais belas e mais agradáveis, se por acidente cai em erro, recorre novamente ao senso comum e aos sentimentos naturais do espírito e assim voltam ao caminho certo e se protege de ilusões perigosas (E 1.4).

De acordo com a interpretação que sugerimos, o erro cometido na filosofia abstrusa consiste na determinação de sua cadeia de raciocínios, quando um conhecimento é baseado em uma cadeia de raciocínios ao cometer um erro este erro irá gerar outro e assim sucessivamente, um erro desta proporção é mais difícil de modificar, pois é difícil em meio a tantos erros encontrar o erro que deu origem a todos os outros. Na filosofia fácil, mesmo se utilizando dos sentimentos e ações ainda sim, está sujeito ao erro, desta forma recorre novamente ao início para que possa modificar-se, e retorne ao caminho que corresponda corretamente à verdade.

Apesar de haver controvérsias sobre as duas formas de filosofia, Hume explica que muitos afirmavam que em ambas as partes, os conceitos no qual se debruçavam eram considerados pouco importantes e que em certa medida tratavam sobre “princípios e noções igualmente distantes da compreensão” (E 1. 5). A partir de tal afirmação, o filósofo tende a nos explicar que, diferente do que se pensava, é através delas que surge o que ele chama de “caráter perfeito”. É através da junção entre as duas formas de compreender a filosofia moral ou ciência da natureza humana¹⁴ que nos levaria à mais perfeita filosofia. Filosofia esta que nos forneceria um conhecimento dualista, acerca da própria natureza e distinção moral.

O homem como um ser racional “alimenta-se dos conhecimentos do entendimento humano”, mas também são seres completamente sociáveis e ativos, dotados de paixões, por esta razão Hume explica que o ideal é utilizar as duas formas de filosofia, como explica:

Parece, então, que a natureza estipulou uma espécie mista de vida como a mais adequada aos seres humanos, e secretamente os advertiu a não permitir que nenhuma dessas inclinações se *imponha* excessivamente, a ponto de incapacitá-los para outras ocupações e entretenimentos. "Satisfaz tua paixão pela ciência", diz ela, "mas cuida para que essa seja uma ciência humana, com direta relevância para a prática e a vida social (E 1. 6, grifo do autor).

¹⁴ “[V]antagem considerável que resulta da filosofia abstrata e exata que consiste em sua utilidade para a filosofia fácil e humana” (HUME, 1989, p. 65).

No início de sua argumentação, Hume explica que, para alguns, é preferível utilizar a filosofia fácil e clara em vez da filosofia exata e abstrusa, porque na filosofia fácil preocupa-se com as ações, os sentimentos e as relações humanas, buscando formar o caráter moral e reformar a conduta. No caso da filosofia abstrusa, ela dedica-se a princípios especulativos e metafísicos, examinando a natureza humana e o mundo exterior. Entretanto Hume não propõe a exclusão de uma em favor da outra, mas a união entre ambas: a filosofia deve conservar o rigor reflexivo da investigação especulativa e, ao mesmo tempo, permanecer enraizada na experiência e na vida comum. Como observa Marcos Balieiro (2010, p.18), Hume busca “uma filosofia que, embora consciente de suas limitações, seja capaz de se misturar à vida comum, de tocar os afetos e as ações humanas, constituindo-se nessa mistura terrena e grosseira que o próprio filósofo reconhece como o solo da experiência”. Assim, o verdadeiro conhecimento filosófico só cumpre sua função quando é capaz de influenciar as paixões e conduzir as ações humanas, mantendo a reflexão filosófica próxima da realidade prática.

É pertinente ressaltarmos que, os homens preferem a filosofia fácil porque ela os deixa desfrutar livremente de seu próprio gosto e sentimento (E 1.7). Mas caso apenas esta filosofia fosse utilizada, todos os raciocínios e determinações jamais seriam investigadas de forma profunda. Por esta razão, acreditamos que a filosofia abstrusa de certa forma mostra-se de grande importância para a obtenção do conhecimento e para a fundamentação dos princípios. Ela é necessária por ser responsável pela construção dos princípios, raciocínios e opiniões, sem sua ajuda os princípios não conseguiriam ser verdadeiros e precisos, diante disso não poderiam ser aplicados às ações.

Hume termina sua argumentação afirmando que lhe traz grande felicidade unir as duas fronteiras das diferentes maneiras de conceber a filosofia moral ou ciência da natureza humana. Foi com a reconciliação destas duas maneiras que Hume obteve uma “profunda clareza e verdade” sobre a originalidade e conhecimento das coisas. Além de mostrar uma grande satisfação e felicidade ao proporcionar uma nova forma de raciocínio filosófico. Por fim, o filósofo conclui que, esta nova forma de raciocínio filosófico, para obtenção do conhecimento das coisas conseguiu desfazer a filosofia abstrata que tinha como base superstições e erros.

Assim como a retórica, a filosofia precisa de uma prática que possa aprimorar o entendimento humano, e só pode fazer isso quando tem um conhecimento correto e preciso, o método mais adequado para adquirir este conhecimento segundo a filosofia humeana encontra-se no método experimental. Hume tinha por objetivo utilizar-se de uma linguagem eloquente, para discorrer sobre assuntos notáveis de maneira clara e fácil. Nos parece que, o filósofo já

vinha reconhecendo que, se utilizar das experiências cotidianas para trazê-las ao âmbito filosófico por meio da escrita, seria a forma mais adequada a sua pretensão, antes mesmo de publicar a *Investigação*, pois em seu ensaio “Da arte de escrever ensaio”, nos ressalta que apesar das dificuldades, o quão vantajoso lhe foi escrever de maneira a conciliar os indivíduos letrados, no qual compreendemos que pertençam a filosofia difícil e abstrata, com os indivíduos do convívio social, pertencente a filosofia mais fácil e singela. Como situa Hume:

Não sei de nada tão vantajoso para este fim quanto ensaios como estes, com que me proponho a entreter o público. Deste ponto de vista, posso me considerar uma espécie de representante ou embaixador das letras nos domínios do convívio social, e devo ter como constante dever a promoção das boas relações entre esses dois Estados, que tanto dependem um do outro. Darei aos letrados inteligência de tudo o que se passa em sociedade, e empenhar-me-ei em importar para esta todas as mercadorias que possa encontrar em meu país natal, próprias para uso e entretenimento dela. Não será preciso cuidar da balança comercial, nem haverá dificuldade de manter equilibrado dos dois lados. Os materiais desse comércio devem ser fornecidos principalmente pelo convívio social e pela vida comum: sua manufatura cabe unicamente a parcela letrada (EW 4).

A partir desta afirmação, acreditamos que tanto em 1742 como em 1748, no ensaio “Da arte de escrever ensaio” como na primeira *Investigação*, o filósofo esteja pontuando apenas com termos diferentes, a forma como a sociedade se dividia, e por meio desta divisão ele tenham chegado à conclusão de que o gênero humano que tratava sobre a filosofia abstrusa seja os indivíduos letrados e que a filosofia fácil seja destinado aos indivíduos do convívio social. E que por meio de sua conclusão, tenha optado não por escolher uma entre as duas classes ou gênero, mas que tenha alcançado uma filosofia adequada e perfeita que possa ao mesmo tempo alcançar os dois públicos em questão.

Por fim, não deixa de ser surpreendente a inclusão de uma distinção de gênero em relação ao público letrado escritor:

Para falar com sinceridade e deixar a imagem de lado antes que acabe desgastada, sou da opinião que de que as *mulheres*, isto é, as mulheres de senso e educação (pois unicamente a elas me dirijo), são juizes muito *melhores da polidez na arte de escrever* do que homens com o mesmo grau de entendimento, e elas entram inutilmente em pânico, se o ridículo que geralmente é alvo uma mulher letrada as aterroriza tanto a ponto de abandonarem por completo os livros e os estudos ao nosso sexo (EW 8, grifos nossos)

Se em sua interpretação as mulheres são melhores na arte de escrever, por que não foram citadas anteriormente? Apenas ao final de seu ensaio “Da arte de escrever Ensaio”, tenha de maneira direta descrito tamanho feito as mulheres, será que mais uma vez estaria sendo cauteloso ao expor a sociedade de que o belo sexo, teria uma maneira mais adequada de

escrita?¹⁵ Por tais apontamentos, mostra-se pertinente uma futura investigação que tragam o tema em questão a luz do esclarecimento.

Em suma, com a presente investigação, entendemos que a pretensão humeana ao publicar a primeira seção da *Investigação* é mostrar ao seu público que a escrita filosófica pode ser desenvolvida de duas maneiras distintas: uma que toma a experiência cotidiana como base para argumentação; e outra que se apoia na razão através de ramificações abstratas do entendimento. No entanto, Hume nos mostra que, para alcançar um conhecimento adequado e transmiti-lo ao leitor, seja ele intelectual, que buscam uma filosofia mais abstrata, ou do convívio social, que busca uma filosofia mais fácil, é necessário utilizar-se dos dois gêneros filosóficos, pois ao longo de sua trajetória filosófica o escocês reconheceu que é possível escrever de maneira a tocar um público que, conforme exposto, não se restringe a filósofos e especialistas.

Referências

BAIER, Annette. *A Progress of Sentiments: Reflections on Hume's Treatise*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.

BALIEIRO, Marcos. Amantes ou mestres? Sobre David Hume, mulheres e casamentos. *Práxis Filosófica*, n. 61, Supl. Enero-Junio, 2025, pp. 1-19.

BALIEIRO, Marcos. Corpos celestes, misturas terrenas: mulheres, sociabilidade e filosofia em David Hume. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, n. 36, 2020, pp. 36-48.

BALIEIRO, Marcos. As mulheres na filosofia de Hume: uma reconsideração. *Discurso*, v. 54, n. 2, 2024, pp. 148-164.

BALIEIRO, Marcos. *Essa mistura terrena grosseira: filosofia e vida comum em David Hume*. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-30042010-113457/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

BALIEIRO, Marcos. Hume e os propósitos da filosofia. *Kriterion*, nº 124, Dez./2011, pp. 385-396.

BAUMAN, Peter. *Hume, Passion, and Action*. Oxford: Oxford University Press, 2018

BUCKLE, Stephen. Hume on the Passions. *Philosophy*, v. 56, n. 216, pp. 551-570, 1981.

CALVENTE, Sofia. Contra una interpretación reduccionista del método experimental de David Hume. *KRITERION*, nº 151, Abr./2022, pp. 55-78.

¹⁵ Para uma leitura sobre este tema, cf. Balieiro, 2020 (pp. 37-47), 2024 (caps. II a IV) e 2025 (pp. 149-163).

GARDNER, Sebastian. Hume on the passions. *Philosophy*, v. 56, n. 217, pp. 179-193, 1981.

HUME, David. *A arte de escrever ensaios e outros ensaios*. Pedro Paulo Garrido Pimenta (seleção); Márcio Suzuki; Pedro Paulo Pimenta (trads.). São Paulo: Iluminuras, 2008. ISBN 978-85-7321-282-2.

HUME, David. *Essays Moral, Political and Literary*. New York: Library of Congress Cataloging in Publication, 1985-1987.

HUME, David. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 2004

HUME, David. *Tratado da Natureza Humana*. Tradução de Débora Danowski. 2. ed., rev. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2009. ISBN 978-85-7139-901-3.

LIVINGSTON, Donald. *Hume's Philosophy of Common Life*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

RADCLIFFE, Elizabeth S. *Hume, Passion, and Action*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

RIBEIRO, Laiz; CUNHA, Mateus. As origens do método humeano. *Polymatheia – Revista de Filosofia*, Fortaleza, v. 15, n. 2, pp. 77–93, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/8506>.

SALLES, Fernão. 'More in the manner than in the matter': a filosofia fácil e a filosofia abstrusa. *Revista Estudos Hum(e)anos*, Volume 7, Número 2, pp. 1-18, 2019. Disponível em: <https://revista.estudoshumeanos.com/wp-content/uploads/2020/04/v.7.n2.2019.1.01-18.pdf>, Acessado em: 03 nov. 2022.

TAYLOR, Jacqueline. *A Progress of Sentiments: Reflections on Hume's Treatise*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.